

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS, FERNANDO MANTEUFEL FIOROTTI MATHIAS E ANTÔNIO CARLOS QUEIROZ DO Ó FILHO

Entre Janelas: páginas de um diário corpográfico sensível da cidade-medo

Between Windows: sensitive corpographic diary pages of the fearfulness-city

Gustavo Pimenta dos Santos

Arquiteto e Urbanista, Pós em aperfeiçoamento em Educação e Ambiente no IFES (2018), Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de Processos Urbanos e Políticas Físico-Territoriais pela UFES (2019), Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração de Espaço, Projeto e Cultura na Universidade de São Paulo (FAUUSP), integrante do Grupo de Pesquisa Rasuras – Geografias Marginais (Linguagem, Poética, Movimento) e Bolsista da CAPES/CNPq.

Architect and Urbanist, Post-graduate in Education and Environment at IFES (2018), Master in Architecture and Urbanism in the area of Urban Processes and Physical-Territorial Policies at UFES (2019), PhD in Architecture and Urbanism in the area of Space concentration, Project and Culture at the University of São Paulo (FAUUSP), member of the Rasuras Research Group - Marginal Geographies (Language, Poetics, Movement) and CAPES / CNPq Scholar.

gustavopimenta@usp.br

Fernando Manteufel Fiorotti Mathias

Arquiteto e Urbanista, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), integrante do Grupo de Pesquisa RASURAS - Geografias Marginais (Linguagem, Poética e Movimento) e Bolsista da CAPES/CNPq.

Architect and Urbanist, Master's Student in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism (PPGAU) at the Federal University of Espírito Santo (UFES), member of the RASURAS Research Group - Marginal Geographies (Language, Poetics and Movement) and CAPES / CNPq Scholar.

fernandomanteufel@gmail.com

Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Desenvolve pesquisa e conteúdo artístico sobre narrativas urbanas através do uso de imagens, performances corporais e novas tecnologias, tendo sido selecionado como pesquisador-artista em diversos festivais e eventos nacionais e internacionais. Em fevereiro de 2020 atuou como Professor Visitante no Earth Institute, em colaboração com a School of Architecture, Planning and Environmental Policy da University College Dublin - UCD (Irlanda). Pós-doutorado pela Universidade do

Minho (Braga, Portugal) realizado em 2017/2018. Líder do Grupo de Pesquisa RASURAS - Geografias Marginais (Linguagem, Poética, Movimento) e do GRAFIAS - Laboratório de Geografia Criativa.

Professor at the Department of Geography and the Post-Graduate Program in Geography - PPGG of the Federal University of Espírito Santo-UFES. Develops research and artistic content on urban narratives through the use of images, body performances and new technologies, having been selected as a researcher-artist in several national and international festivals and events. In February 2020 he was Visiting Professor at Earth Institute, in collaboration with the School of Architecture, Planning and Environmental Policy at University College Dublin - UCD (Ireland). Post-doctorate by the University of Minho (Braga, Portugal) held in 2017/2018. Leader of RASURAS Research Group - Marginal Geographies (Language, Poetics, Movement) and of GRAFIAS - Laboratory of Creative Geography.

queiroz.ufes@gmail.com

Resumo

Escolhemos o binômio “cidade-medo” como recorte temático, configurado como o campo de vivência do espaço urbano no cerne da pandemia de Covid-19, concomitantemente ao período de isolamento social mais rígido decretado pelos estados. O fato é que as pessoas não estão mais livres para andar pelas ruas e praticar as atividades diárias, submetidas ao afastamento das experiências citadinas de convívio com seus espaços de vida e itinerários, dispondo essencialmente da mídia (mass media) como principal veículo de consumo para a compreensão de como essa cidade se apresenta. Nesse sentido, este artigo propõe-se investigar quais novas relações podem ser estabelecidas entre as pessoas e a cidade-medo, bem como as marcas que circunscrevem esses corpos em estado de isolamento social, diariamente consumidos pelas informações produzidas em tempos de guerra discursiva e pós-verdade, adotando como proposta metodológica a criação de um diário a partir das experiências corpográficas mediadas entre janelas. Esses registros são resultantes das experiências corpográficas nas cidades de morada dos autores, a partir do enquadramento entre janelas, entendidas aqui como externa e interna, a primeira associada ao elemento arquitetônico que possibilita ver o externo imediato da cidade; e a segunda, caracterizada pela maneira como os mass medias transmitem as notícias sobre ela, a partir das telas dos computadores e celulares. Nosso intuito é ampliar as discussões da cidade com o corpo, fazendo refletir sobre novos modos de relação construídos, de modo que a potência sensível das experiências nos acometa.

Palavras-chave: Corpografia. Medo. Janela. Cidade. Sensível.

Abstract

We chose the binomial “fearfulness-city” as the thematic feature, also this’s configured as the field of urban space experience at the heart of Covid-19 pandemic, concomitantly the period of the most rigid social isolation decreed by the States. In fact, people are no longer free to walk streets and carry out their daily activities, having a distance from the city experiences of living with their living spaces and itineraries, essentially using the media (mass media) as the main consumption vehicle for understand how this city looks like. In case, the objective is to investigate which new relationships can be established between people and the fearfulness city, as well as the marks that circumscribe these social isolation bodies that are daily consumed by information produced in times of war discursive and post-truth, adopting as a methodological proposal the creation of diary from the corpographic experiences mediated between windows. These records are the result of the physical experiences, in the cities where the authors live, from the framing between windows, understood here as Out and Int, where the first one is associated with the architectural element that makes it possible to see the immediate exterior of the city; and the second, is characterized by the way mass media transmit news about it, from the screens of computers and cell phones. Our aim is to expand the discussions of city with the body, making us reflect on new ways of relationship that are built and providing that sensitive power of experiences affected.

Keywords: Corpography. Fear. Window. City. Sensitive.

Resumen

Elegimos el binomio “ciudad-miedo” como eje temático, que se configura como campo de experiencia del espacio urbano en corazón de la pandemia Covid-19, concomitante con el período de más rígido aislamiento social decretado por los Estados. El hecho es que las personas no son

libres para caminar por las calles y realizar sus actividades diarias, alejándose de la ciudad las experiencias de convivencia con sus espacios de vida, esencialmente utilizando los medios de comunicación como principal vehículo de consumo para entender cómo se ve esta ciudad. El objetivo de este artículo es investigar qué nuevas relaciones se pueden establecer entre las personas y la ciudad del miedo, así como las marcas que circunscriben estos cuerpos en un estado de aislamiento social que son consumidos a diario por la información producida en tiempos de guerra. discursiva y posverdad, adoptando como propuesta metodológica la creación de un diario a partir de las experiencias corporativas mediadas entre ventanas. Estos registros son el resultado de las vivencias físicas, donde viven los autores, desde el encuadre entre ventanas, entendido aquí como externo e interno, donde el primero se asocia al elemento arquitectónico que permite ver el exterior inmediato de la ciudad; y el segundo, se caracteriza por la forma en que los medios de comunicación transmiten noticias al respecto. Nuestro objetivo es ampliar las discusiones de la ciudad con el cuerpo, haciéndonos reflexionar sobre las nuevas formas de relación que se construyen y siempre que se afecte la potencia sensible de las experiencias.

Palabras-Clave: Corpografía. Temor. Ventana. Ciudad. Sensible.

Introdução

A partir do entendimento do espaço como instância do encontro de trajetórias, aberto, processual e desarticulado, segundo as proposições da geógrafa Doreen Massey (2008) e apoiados pelos balizamentos tanto conceituais quanto metodológicos do antropólogo Massimo Canevacci (2004) a respeito da polifonia da comunicação urbana, investimos num percurso que busca compreender os estudos da cidade por meio de sua multiplicidade e diversas técnicas interpretativas. Olhamos para um espaço urbano que pode ser narrado pelo modo como seus agentes participam como atores e, ao mesmo tempo, espectadores de um emaranhado de vivências e mediações, agora se presentificando em outros modos, enquadramentos e ritmos.

Das múltiplas faces que o contexto da pandemia apresenta e permite investigar, escolhemos tratar a relação do medo e suas derivações, como expõe o sociólogo Bauman, ao dizer que o medo é “mais assustador quando difuso, disperso (...) quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la” (BAUMAN, 2009, p. 8).

Dessa forma, o cenário¹ estabelecido para entender a cidade-medo configura-se por essa situação de isolamento das pessoas em casa, não mais livres para andar pelas ruas ou praticar suas atividades diárias. Afastadas de uma experiência cidadina proveniente do convívio, do contato e dos seus itinerários para uma nova disposição voltada ao isolamento e distanciamento social, elas dispõem, como principal fonte de notícias, do consumo diário veiculado pela mídia em massa.

Por isso interessa investigar quais novas relações podem ser estabelecidas entre as pessoas e a cidade-medo, bem como as marcas que circunscrevem ao isolamento social esses corpos, diariamente consumidos pelas informações e desinformações, adotando como proposta metodológica a criação de um diário a partir das experiências corpográficas mediadas entre janelas. O binômio cidade-medo cria-se a partir da construção do próprio cenário urbano tratado no contexto deste artigo, ao pensarmos no emprego do hífen como superfície, adotando o conceito de Paul Virilio: “Toda superfície é uma interface entre dois meios onde ocorre uma atividade constante sob forma de troca entre as duas substâncias postas em contato” (VIRILIO, 1993, p. 12). Tal conceito servirá de proposição para ir à janela e marcar a transição para a experiência da cidade em quarentena.

Nesse sentido, as experiências entre janelas nas cidades de Santa Cecília (SP), Bento Ferreira (ES) e Hélio Ferraz (ES) serviram para a criação dos diários corpográficos organizados por registros em nuvens de palavras, desenho, poesias e fotografias. Cada diário é marcado pelas diferentes maneiras sensíveis de pensar o espaço urbano, intensificando as sensações que cada “ex-posição” (LARROSA, 2014, p. 22) pode ocasionar.

Portanto, reside nessa imobilidade a abertura ao aguçamento do olhar para a cena urbana enquadrada através de janelas, e nesses escritos de quarenta do diário corpográfico, a proposição de um método potente para fomento de uma análise e composição dessa cidade-medo estabelecida, investigando outras maneiras de relacionamento com a cidade a partir das diversas vozes que narram a experiência do lugar.

¹ As atividades empíricas executadas durante a produção deste artigo ocorreram entre os meses de maio e junho de 2020, concomitantemente ao período mais rígido de isolamento social decretado por alguns Estados. Além disso, o intenso consumo das mídias sociais e dos veículos de comunicação em massa por causa da quarentena abriu novas possibilidades de exploração dos espaços de vida urbanos. Nesse sentido, é desse cenário pandêmico e infamiliar que surge a necessidade de criação dos diários corpográficos sensíveis como meio de registrar as sensações e sensibilidades atravessadas por esse corpo em estado de isolamento que habita entre janelas, emersas aqui durante a atual pandemia de Covid-19.

Cidade-Medo: estabelecendo um cenário

A vida na cidade implica vivenciar o espaço urbano a partir de suas múltiplas faces e pluralidades. Logo, pensar por essa perspectiva, adotada pela geógrafa Doreen Massey, envolve estabelecer um cenário configurado por constantes reflexões que nos atravessam. Eis aí a necessidade de situar o contexto espaço-temporal em que o binômio cidade-medo será tratado, algo muito importante para “pensar sobre o espaço de maneira diferente” (MASSEY, 2008, p. 22).

Complementando esse pensamento, o antropólogo Massimo Canevacci acrescenta à discussão que a “cidade é polifônica desde a primeira experiência que temos dela” (CANEVACCI, 2004, p. 15), ao comunicar-se por meio de suas diversas vozes copresentes e permitir expressar o modo como o seu estilo particular de vida multiplica os olhares sobre o objeto.

Assim, propusemos um modo de adentrar a cidade que potencializa sua possibilidade de multiplicidade, uma vez que, assumida essa perspectiva, novos desvelamentos para sua compreensão tornam-se propícios à exploração. A “existência de multiplicidade” (MASSEY, 2008, p. 29) permite que diferentes versões e até mesmo entradas para a cidade sejam proporcionadas.

Canevacci adensa ainda mais esse ponto de vista múltiplo ao citar Mikhail Bakhtin, na obra *Cidade polifônica*, quando este diz sobre seu “amor pelas variações e pela variedade de termos referente a um único fenômeno. A pluralidade dos esforços” (BAKHTIN, 1988 apud CANEVACCI, 2004, p. 17). Nesse trecho, o autor incita a pensar em uma cidade que pode ser interpretada a partir de diferentes pontos de vista, ou como também ele prefere, de “vozes autônomas” (CANEVACCI, 2004, p. 18), cada qual diferente da outra, mas convergindo todas para a focalização de um paradigma inquieto.

Por meio dessa multiplicidade urbana, delineamos um cenário que traz no binômio cidade-medo as correlações potentes para se pensar a cidade, reconhecendo-a como um “produto de inter-relações” (MASSEY, 2008, p. 29) e algo sempre em construção, uma “simultaneidade de histórias-até-agora” (MASSEY, 2008, p. 190). Afinal, o espaço se modificará a partir do modo como os indivíduos agem ou não sobre ele, intensificando seu sentido de inacabado.

Esta é a cidade polifônica: uma cidade narrada com diversas técnicas interpretativas, trazendo simultaneamente a presença mutável de uma série de eventos dos quais seus agentes participam como espectadores ou atores, vivenciando aquele determinado fragmento urbano de forma tal que reativam esse fragmento quando os reatransversam.

Considerar essas premissas permite enxergar o modo como essa cidade deve ser pensada e a importância de definir uma entrada para investigar suas relações construtivas com os atores urbanos. Eis por que o medo é escolhido como recorte para adentrá-la e experienciar suas mediações em vozes que se cruzam e se fundem em meio a um espaço de resultados imprevisíveis.

O termo medo, incorporado ao binômio, caracteriza-se pelo atual estado de pandemia² decretado no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde - OMS, ao relatar que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19)³ constitui

2 A definição de pandemia da Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS se refere à distribuição geográfica de uma região e não à sua gravidade. A designação reconhece que existem, no momento, surtos da doença em diversos países e regiões do mundo (PAHO, 2020).

3 Os primeiros alertas de casos detectados pela Organização Mundial de Saúde - OMS foram na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, no final de 2019. Essa cidade se tornou o epicentro da doença que se espalhou por todo o mundo. A Covid-19 é apontada como uma variação do coronavírus denominada SARS-CoV-2 (PAHO, 2020).

uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional - ESPII, o mais alto nível de alerta da Organização cujo intuito é buscar aprimorar a coordenação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus (PAHO, 2020).

Em face dessa situação, a OMS (PAHO, 2020) solicitou que os países adotassem uma abordagem envolvendo todo o governo e toda a sociedade, construída em torno de uma estratégia integral e combinada para prevenir infecções, salvar vidas e minimizar os impactos.

Nesse sentido e buscando evitar sobrecarga no sistema de saúde, bem como um crescente número de mortes, os governadores brasileiros decretaram um período de quarentena e o fechamento compulsório dos comércios, com exceção daqueles essenciais para manutenção das necessidades básicas, seguindo as recomendações da OMS para que as pessoas ficassem dentro de casa, em estado de isolamento, adotando as medidas preventivas cabíveis a fim de evitar a propagação do vírus.

Essa configuração espacial ao qual o medo é atribuído pode ser correlacionada a esse cenário e interpretada pelo modo como Bauman questiona o medo de sofrer resultante da precariedade e efemeridade do corpo, pois vivemos em uma sociedade que se “organizou em torno de uma procura infinita de proteção e da insaciável aspiração à segurança” (BAUMAN, 2009, p. 11). Esse medo é definido por ele como:

(...) mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la (BAUMAN, 2009, p. 8).

Essa nova estruturação imposta pelas reconfigurações dos espaços de vida da cidade reflete diretamente nos agenciamentos da mobilidade, economia e itinerários. As pessoas em confinamento tendem a reorganizar seus movimentos e o modo de se expor à cidade, conformando uma nova dinâmica a ser seguida frente ao cenário pandêmico atual.

Nessa perspectiva, o cenário estabelecido para entender a cidade-medo configura-se por essa situação de isolamento dentro de casa. As pessoas não estão mais livres para andar pelas ruas ou efetivar suas atividades diárias, o que as afasta da experiência cidadina, dos seus *espaços de vida*⁴ e das suas rotas convencionais para uma nova disposição voltada ao isolamento e distanciamento social e cuja principal fonte de notícias é o consumo diário veiculado pela mídia em massa.

Essas informações propagadas – ou como o filósofo Gianni Vattimo (1992, p. 7) chama de “a sociedade dos *mass media*” – podem influenciar os comportamentos pessoais, refletindo também na arquitetura urbana contemporânea, que cerceada por esse medo, tende a se organizar a partir de comportamentos de fuga e isolamento (FERREIRA, 2011; VATTIMO, 1992). É por meio delas que as pessoas passam a entender o que realmente acontece na cidade, e isso as torna um alerta coletivo. A mídia potencializa essa sensação de insegurança com a exposição diária da vida em meio ao cenário urbano pandêmico atual estabelecido, produzindo agentes que cultivam os temores de lidar com o desconhecido.

Em seu livro *Pandemic*, o filósofo esloveno Slavoj Žižek comenta a difusão de informações pela mídia: “Nossa mídia repete sem parar a fórmula ‘sem pânico!’ e então obtemos todos os dados que nos despertam o pânico” (ŽIZEK, 2020, p. 63). Dessa forma, ainda que o contexto peça calma e cuidados necessários, os programas de

⁴ Conceito adotado pelo geógrafo Eduardo Marandola Jr. (2011) como o significado de viver citadino constituído por todos os itinerários e lugares em que as pessoas trafegam e os quais percorrem durante todo o dia, ou seja, por onde elas desenvolvem o seu cotidiano.

televisão, os boletins de jornais online e as rádios acabam por despertar o pânico à medida que são consumidos.

Portanto, mergulhados nessa configuração de cidade potencializada pelo acaso da pandemia, adentramos o medo para reforçar suas multiplicidades presentes, que se sobrepõem e se fundem em meio às múltiplas vozes que emergem de sua polifonia. O espaço urbano, sujeito a um novo cenário, transforma-se e impõe àqueles que o habitam uma reconfiguração dos seus espaços de vida. Doravante isolados, esses habitantes tornam-se incessantemente consumidos pelas informações veiculadas pelos *mass medias*.

Entre janelas: uma proposta para a reflexão

A proposta de análise para este artigo foi desenvolvida procurando-se utilizar uma metodologia que apresentasse as possíveis percepções adquiridas mediante as ocorrências observadas a partir da *Janela, das Corpografias Urbanas e da Experiência*, aqui empregadas como eixos balizadores e inspiradores para a produção do *Diário Corpográfico* elaborado a partir dos registros provenientes das experiências mediadas pelo corpo que utilizará como protocolo o enquadramento entre janelas.

O termo *janela*, para esta pesquisa, não se refere apenas ao seu entendimento arquitetônico – como abertura de um elemento de vedação – mas também como outra possibilidade de ver, ouvir e sentir o espaço urbano. Esse outro sentido é atribuído aos noticiários veiculados constantemente pelos *mass medias* e vistos pelas telas dos celulares, computadores e televisões dos espectadores nesse estado de isolamento físico-social.

Por conseguinte, é assumindo o entendimento de janela tanto como elemento arquitetônico que enseja a visão imediata para o exterior quanto como tela de interface para o conhecimento do que se passa na cidade por meio dos noticiários que o termo será empregado. De acordo com o doutor em Letras Renato Gomes, a janela pode ser pensada como “o limite entre um dentro e um fora (...), indica um lugar de não permanência, de onde o observador se deixa dominar pela ação inédita” (GOMES, 2001, p. 74), pois sua abertura permite olhar outro contexto, com proximidade física ou não.

O autor, em seu artigo, inspira-se no uso da janela a partir da obra *A janela de esquina do meu primo*, do escritor Ernest Hoffman, cuja narrativa de um paralítico solitário observador da rua retrata sua sensibilidade aguçada nos ensaios de descrição das cenas urbanas ao revelar seus sentidos escondidos. Pois, mesmo vendo apenas o que a janela permite, ele tem sob os olhos o cenário possível do qual está excluído.

Em sequência, outro apoio central à construção metodológica do diário baseia-se nos estudos de corpografia e narrativas urbanas elaborados por:

- Paola Jacques (2008), arquiteta e urbanista, que a descreve como a experiência urbana que fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, definindo-o, mesmo que involuntariamente. Cada corpo pode acumular variadas corpografias, como resultado das mais distintas experiências urbanas vividas por cada um, e a questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição;

- Queiroz Filho (2018), geógrafo, pesquisador-artista, que buscou nos estudos do corpo que dança delinear um horizonte conceitual e metodológico que focou as corpografias como “construto de narrativas que tratam da experiência de um corpo reativo e seus

normativos como algo que agencia uma potência de agir ancorada na ética do que ele deve e não do que ele pode” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 173):

Fruição e imanência que coloca meu corpo, portanto, horizonte de mundo, em variação contínua. Aumentar o mundo é proliferar multiplicidade. Por isso mesmo, ela – a dança – não me serve como síntese ou revelação de uma suposta corpografia. Ela me é mais como agenciamento do desejo, corpo nu, que é a pele tornada espaço intensivo, espaço de emoções. Essa é a grafia pelo corpo que me interessa (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 167).

Pensar dessa maneira faz refletir que há tantas corpografias quantas forem as distintas apreensões do e no espaço vivido, pois por meio delas é possível repensar a maneira como os agentes utilizam seu espaço, ao ganharem um novo corpo a partir do momento em que ele é apropriado, vivenciado e praticado, ou seja, tornando-se outro corpo.

O doutor em Comunicação Marcelus Ferreira (2011) contribui para essa discussão ao associar os estudos da corpografia com o medo gerado pelos mass media, ao mostrar que existe uma reação física das atitudes de medo nas reações corporais para lidar com essas sensações geradas pelos noticiários em massa que interferem diretamente na estética urbanística.

O corpo torna-se um processo dinâmico de afetações e contaminações constantes, ressignificando a vivência do ambiente e seu comportamento social, assim como reconfigurando suas ações de corporalidades na cidade, por definir uma “corpografia do medo” (FERREIRA, 2011, p. 89). O autor adensa esse estudo ao afirmar que a cidade é um campo de narrativas e se configura como tal a partir dos modos como nos relacionamos com os espaços a que atribuímos sentidos.

E em meio às novas condições de comunicação impostas entre as pessoas na cidade-medo, o corpo passa a ser sustentado cada vez menos pela alteridade dos espaços urbanos do que por suas extensões técnico-mediáticas, dado que “a cidade informatizada não necessita de corpos reunidos e sim interconectados” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 62).

Essa reflexão sobre a perda da expressividade da cidade apresenta uma possibilidade de corpografia intensificada pela maneira como a mídia atravessa essas mediações de informações, pois, conforme Martín-Barbero (1998, p. 62), “se a televisão atrai é porque a rua expulsa, é dos medos que vivem os meios”. Destarte, essa posição de resguardo também gera um reflexo no corpo da cidade, na estruturação de suas formas e espaços de vida, uma nova adaptação do corpo ao modo de tratar o espaço urbano.

Já para pensar a *experiência* a ser adotada para este artigo, buscamos fundamento nos escritos do filósofo Jorge Larrosa, que a compreende como “o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2014, p. 21). O autor acrescenta ainda que ela “requer um gesto de interrupção, (...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar (...), cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece” (LARROSA, 2014, p. 24). Por isso, o sujeito da experiência se define por sua passividade, receptividade, disponibilidade e abertura, já que “é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe” (LARROSA, 2014, p. 22).

Dessa forma, os registros do diário corpográfico na cidade-medo são resultantes das experiências corpográficas (ex-posições) nas cidades de morada dos autores – Santa Cecília (SP), Bento Ferreira (ES) e Hélio Ferraz (ES) – a partir do enquadramento entre janelas, entendidas aqui como externas e internas.

A primeira é associada ao entendimento arquitetônico que permite o olhar imediato

do externo, ou seja, o que se passa na cidade naquele momento, compondo os escritos pertencentes à *Janela Externa*. Essa proposição do modo de olhar é baseada no conceito de Canevacci (2004) como oblíquo e polifônico, aquele que estranha toda a familiaridade, e ao mesmo tempo familiariza-se com suas múltiplas diferenças.

É a observação observadora, não mera participante da ação, dado que estende sua observação ao próprio sujeito que faz parte do contexto, pois “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhos pontos, por intermédio dos quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados” (CANEVACCI, 2004, p. 35).

A segunda caracteriza-se pelo fornecimento de notícias sobre essa cidade que nos são transmitidas em interface com os computadores, televisões e celulares – *mass medias* –, compondo os escritos concernentes à *Janela Interna*.

Dessa forma, inserido nesse contexto de confinamento, onde por vezes vemos e/ou permitimos ser vistos e/ou interagimos com terceiros, via meios de comunicação, Paul Virilio fundamenta as noções espaciais mediadas nesses meios. O autor apresenta, ainda na década 1980, as impressões espaciais em meio ao uso de tais tecnologias:

Graças aos satélites, a janela catódica traz a cada um dos assinantes, com a luz de um outro dia, a presença dos antípodas. (...) o esgotamento do relevo natural e das distâncias de tempo achata toda localização e posição. Assim como os acontecimentos retransmitidos ao vivo, os locais tornam-se intercambiáveis à vontade (VIRILIO, 1993, p. 13).

Ao identificar a facilidade na comunicação mundial proporcionada pelos satélites, refletimos sobre a dissolução da localização e posição no mundo, de modo que os antípodas dispõem dos mesmos meios de acesso a informações de diferentes lugares do planeta. Assim, “depois das distâncias de espaço e de tempo, a distância-velocidade abole a noção de dimensão física” (VIRILIO, 1993, p. 13). É nesse contexto que a proposta da janela interna se baseia na escrita conjunta dos autores, experienciada ao longo do período de isolamento físico-social, renovando essa nova condição de vivenciar o espaço urbano.

As *Frestas* correspondem aos pequenos trechos sensíveis que permeiam as descrições das janelas externas, entendidas como os pontos de sensibilidade evidenciados quando se assumem a postura e o olhar com fins de experimentação do campo, servindo para intensificar e substanciar as ex-posições, como afirma QUEIROZ FILHO (2016, p. 13): “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar”.

Nesse sentido, os relatos foram constituídos de imagens e palavras: o desenho, a fotografia, as nuvens de palavras⁵ e a poesia. Esta pesquisa, portanto, contará com quatro imersões entre janelas, três externas e uma interna. Três delas foram elaboradas durante o mesmo período e na cidade de morada de cada autor; e uma construída em conjunto, a partir da confrontação dos *mass media* em meio à experiência cidadina em quarentena. Assim, é ao pensar nessa nova relação dada às pessoas com o espaço urbano que se faz necessário um novo olhar ao modo de estar juntos, a partir de um novo estilo de habitar, de narrar e estruturar o sentido.

Por fim, cada lugar imprimirá uma marca corporal que pode ser circunscrita, por isso se utilizarão recortes espaciais com perspectivas, ao mesmo tempo, distintas e similares, propiciando que outras possibilidades de conhecimento do espaço urbano sejam despertadas.

5 Geradas pelo programa Wordle. As configurações utilizadas para criação das nuvens de palavras são: Language – Leave words as spelled, Remove Numbers e Do not remove common words; Font – Meloche Rg Bold; Layout – Mostly horizontal, Straighter edges e Maximum words (100); Color – Ghostly e A little variation.

Diário corpográfico

É na intimidade da linguagem e no enviesamento da sensibilidade que surge uma “cidade como potência menor”, cidade intensiva, que faz proliferar a vida enquanto encontro de palavras, imagens e afetos (...) Uma cidade-personagem, feita de encontros: cidade-texto, cidade-poesia, cidade-música, cidade-arte, todas misturadas, dobradas entre si, uma dizendo da outra, sendo todas, a mesma (QUEIROZ FILHO, 2016, p. 03).

Janela externa – Santa Cecília (SP)

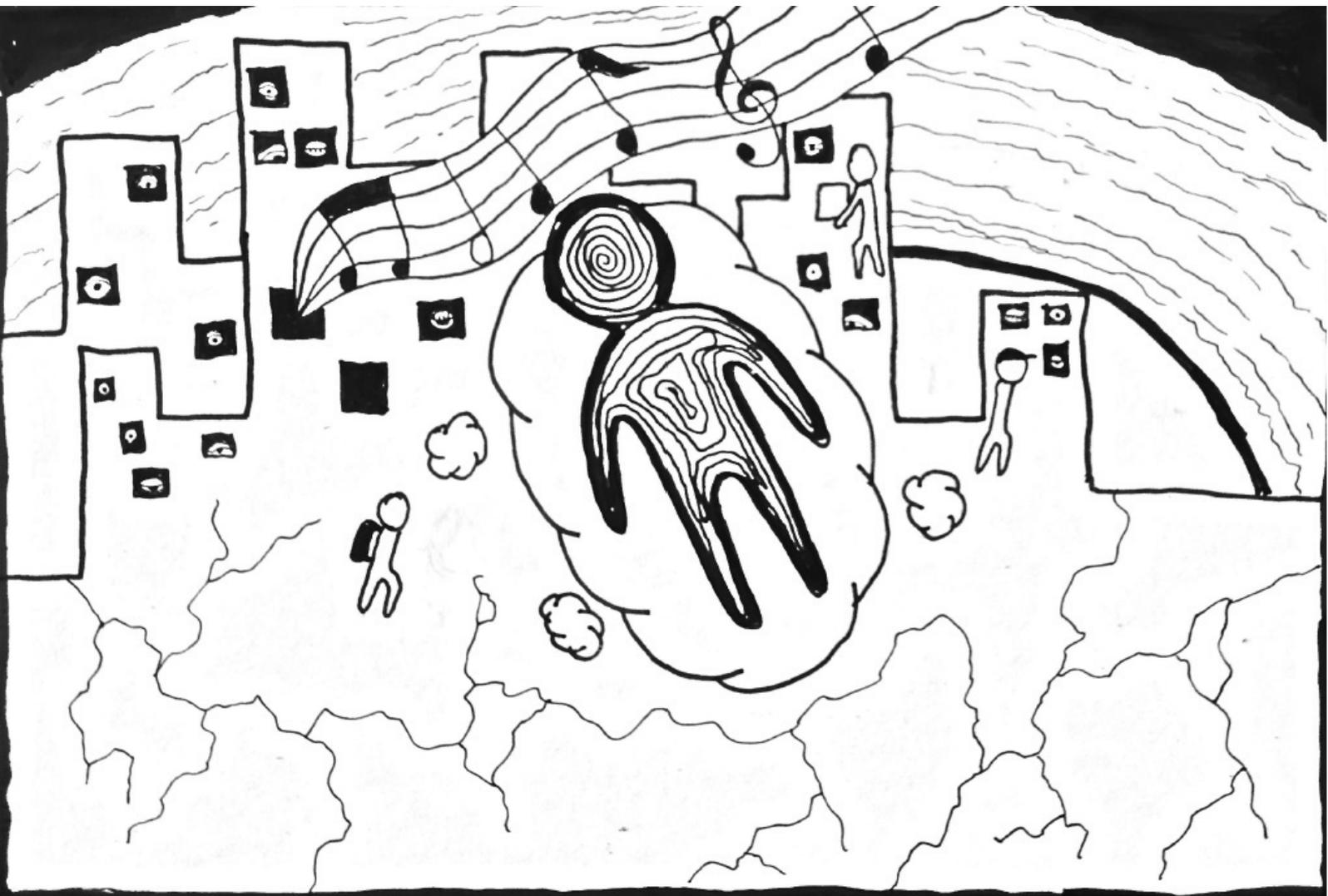


FIGURA 1 – Desenho feito a partir do relato da janela externa SP

Fonte: MATHIAS (acervo pessoal), 2020

Janela externa – Bento Ferreira (ES)



FIGURA 3 – Desenho feito a partir do relato da janela externa ES.

Fonte: MATHIAS (acervo pessoal), 2020

FIGURA 4 – Nuvem de palavras da janela externa ES

Fonte: WORDLE (adaptado pelos autores), 2020.



O sol da tarde de outono se apresenta agradável mais uma vez, fazendo par com o vento frio que sopra. Vejo a tinta branca dos prédios e casas se ofuscar com a luz do sol, enquanto ouço o barulho de construção ao fundo.

Fresta I

– O som dos automóveis e britadeiras se faz presente, mas a pandemia é enunciada a todo momento que vejo alguém de máscara na rua;

O sentimento de aprisionamento que sinto termina quando olho para o céu, onde a introspecção encontra outro corpo para habitar, o de um pássaro cujo movimento de voo circular tento entender. Vejo outras pessoas nas janelas, varandas e terraços, não estar só me acalma, é reforçado em meu pensamento que a distância é apenas física.

Fresta II

– Vejo um pássaro pousar em um galho no topo da árvore, e ao bambejar o galho, em um pulo, ele o troca por um galho mais firme, ao ver esse movimento de reflexo, me acomete um sentimento de resiliência;

Ouçoo canto de um pássaro, meu olhar tenta encontrar a origem do som, mas não o encontro. Contudo, ainda assim, olho para onde acredito ser a origem e avisto de longe uma árvore bem robusta com o verde vívido de suas folhas sendo iluminado pela luz do sol. Naquele momento, sinto meu corpo também aquecer, e ao mesmo tempo, sinto calafrios de uma brisa fria soprar.

FIGURA 5 – Fotografia e poesia da janela externa ES.

Fonte: QUEIROZ FILHO (acervo pessoal), 2020.

Janela externa – Hélio Ferraz (ES)



de informações da mídia em massa passou a ser estabelecido, mais voraz, mais numérico, mais denso... retratando cenários inimagináveis, até mesmo pelo uso do termo pandêmico, produzindo narrativas e discursos de medo, principalmente por não se saber o que exatamente estava acontecendo.

Confrontados a todo momento com novas notícias e informações, víamos as pessoas de diferentes cidades e países identificados como epicentros da pandemia discutindo o caso; ambientalistas e vertentes espirituais considerando o momento como tempo de cura para os desastres ambientais sofridos pelo planeta; cientistas manifestando-se sobre a inexistência de medicação para a doença, além de projeções para a produção e distribuição da vacina. Enquanto isso as redes sociais, concomitantemente, alimentadas por múltiplas informações, tocam-me quando dizem como utilizar produtivamente esse período de quarentena.

Ser produtivo, cuidar da saúde mental, equilibrar seus polos, permitir ficar triste ou feliz, fazer exercícios, ler um livro, descansar, cozinhar, aprender novas coisas, jeitos, maneiras... O que facilmente poderia ser uma extensa lista de autocuidados, aparentemente acumulados até então.

E não menos importante, enquanto tudo isso ocorre, assistimos a um país polarizado politicamente com opiniões divergentes a respeito das fatalidades acarretadas pelo Covid-19, substituições enfileiradas dos ministros da Saúde por divergências técnicas e políticas, lotações hospitalares, populações vulneráveis tornando-se alvos mais propensos à doença, laços internacionais desatados, médicos assistindo acamados entre corredores, covas coletivas em alguns estados sendo abertas... O momento é de enfrentamento, guerra e estratégias que vêm sendo adotadas nas cidades como forma de reduzir a transmissão do Covid-19.

As redes sociais têm sido o meio encontrado para dar voz às histórias de revolta daqueles que podem ou não cumprir o isolamento compulsório decretado pelos governadores dos estados, utilizando a internet como meio de expor suas fragilidades e mobilizar outros que se encontram na mesma situação.

A sensação de acontecimentos acumulados se reforça a cada dia, em uma relação reconfigurada com a cidade, e o cenário pandêmico apresenta lentamente sinais de avanço com o desenvolvimento do mundo em prol da cura. Contudo, os veículos de notícias em massa se retroalimentam nos próprios acontecimentos, não nos estimulando a criar esperanças.

Após vários dias isolado, o enfrentamento do vírus em quarentena é acompanhado também pela resistência e controle da ansiedade. O corpo limitado espacialmente em seu deslocamento por vezes retorna em uma fuga falha para as janelas midiáticas em sua infinidade de informações, cansado e esgotado. Esse corpo continua a consumir informação, alimentando sentimentos frágeis, que roubam nossa esperança de melhoras e anunciação do fim da pandemia.

Considerações finais

A criação dos diários corpográficos surgiu da necessidade de cada autor, dentro de suas singularidades, de evidenciar o modo como os efeitos da pandemia passaram a atravessar seus corpos e como essa experiência levou a pensar noutros modos de se relacionar com o cenário urbano vigente. Com esboços constituídos desde o início da quarentena, ora nos expúnhamos aos noticiários veiculados pela mídia de massa, ora nos debruçávamos sobre a janela a fim de externar aqueles sentimentos. Desse modo, é por esses atravessamentos do corpo confinado e isolado adaptando-se ao novo

cotidiano que se despertam outros modos de habitar os espaços de vida a partir da linguagem experimental proveniente das reverberações de cada um, manifestando-se pelo desenho, pela poesia e pela fotografia nos escritos de quarentena, permitindo a abertura para esse afloramento do corpo-cidade sensível que se move pela maneira como cada um é ex-posto.

Após as imersões na vida cidadina que se presentificava através das janelas, percebemos que os escritos do diário corpográfico, mesmo construídos a partir de perspectivas de vivências e medidas de isolamentos físico-sociais em cidades diferentes, convergiam nas sensações relatadas, acentuando a presença de pontos de similaridade observada pelos autores, bem como as particularidades grafadas corporalmente por cada um pelo modo como o espaço urbano os circunscreveu.

Esse corpo-cidade sensível pode ser mais bem compreendido pelas intensidades dos efeitos da pandemia. Canevacci nos subsidia nessa análise, ao destacar que a tarefa do observador é tentar compreender os discursos bloqueados das estruturas arquitetônicas, mas vívidos pelas mobilidades das percepções que envolvem os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham. Ou seja, essa cidade tornada estranha aos olhos habituais dos moradores tão repentinamente passou a nos exigir a construção de novos modos de ver e agir, novos hábitos e ouvidos para um vir-a-ser que se fez presente.

É nesse sentido que a metodologia proporcionou investigar novas relações que podem ser estabelecidas dentro da cidade-medo e como ela pode se apresentar para seus habitantes. Pois “não somos apenas espectadores urbanos, mas sim atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados...” (CANEVACCI, 2004, p. 22). Então, como circunscrever um corpo em pandemia? Primeiramente, orientamo-nos a documentar o que nos marcou durante os meses de maio e junho; e em sequência, exploramos as marcas do medo dentro do binômio proposto a ser investigado, que agiu e ainda age (sete meses após os registros dos diários) de maneiras distintas nas janelas externa e interna. Pois o destaque que apresentamos ao trazer a discussão do efeito dos *mass media* tinha de ser experimental para que fôssemos capturados.

Desse modo, a janela interna e externa documentada nos escritos e na nuvem de palavras trouxe um recorte do compilado consumido. Na janela interna, não houve como pensar o espaço da cidade senão sob a lente do medo, pois a instantaneidade de compartilhamento e o acesso às informações inerentes à pandemia em suas variadas faces nos expuseram a muitos números, na maioria referentes aos infectados e/ou às mortes ocasionadas pelo vírus. Já na janela externa, podíamos enxergar outros olhares e sensações a partir do mesmo cenário urbano pandêmico.

Ao analisarmos o diário como um todo, verificamos que os registros inscritos no corpo ressoam como um alívio frente à situação pela qual estamos passando, carregado de experiências simples que se tornam potentes pelo fato de estarmos diariamente confinados em casa. Nesse sentido, a opção pela nuvem de palavras como parte desse diário teve como intenção potencializar as principais sensações e sensibilidades despertadas durante os registros, colocando-as em um elemento de destaque sensível-visual. Palavras como *cidade, prédios, distante, limitado, corpo, ver, junto, pássaro, olhar, momento e som* apresentam-se na nuvem de palavras com maior intensidade, reforçando o duplo olhar – dialógico – no qual o corpo observa a cidade e se observa, participa e recebe sua participação. “Não somente vivemos ‘nela’, mas também somos vívidos ‘pela’ cidade. A cidade está em nós” (CANEVACCI, 2004, p. 37).

Ratificamos, portanto, que a janela externa potencializou as corpografias no diário que nos evocavam impressões da saudade de estar solto pela cidade, vendo nos simples gestos e sons a nostalgia do viver citadino urbano, como nas descrições das

frestas, porque, como Gomes (2001, p. 72) diz, “a cidade determina o nosso cotidiano e dá forma aos nossos quadros de vida”.

Por outro lado, identificou-se nos registros produzidos entre as janelas internas que o corpo, ao ser acometido pela grande carga de notícias veiculadas pelo *mass media* sobre o espaço urbano, sentia-se preso e impotente, acentuando a sensação de medo já disseminada pela pandemia. Por isso, Vattimo (1992) afirma que o *mass media* também pode ser abordado com essas imagens mediadas e manipuladas, fazendo com que as pessoas entendam e vejam apenas as notícias que as detentoras desse armamento desejam que vejam.

Ao verificar a nuvem de palavras formada pelos escritos de todos os autores, verificamos que *informações, Covid-19, transmissão, pandemia, colapso, notícias, protestos, cenário e pandêmico* detêm maior expressividade, substanciando o que Vattimo diz da maneira como os *mass media* podem intensificar o medo e corroborando o pensamento de Virilio (1993, p. 10): “Sobre o tempo que passa da história e da cronologia sucede um tempo que se expõe instantaneamente”.

Dessa forma, as experiências elaboradas para a construção do diário corpográfico foram necessárias para dizer sobre a maneira como o campo poderia ser percebido e também trazer dele elementos que incentivassem tal discussão, conduzindo à reflexão sobre novas maneiras de perceber um espaço urbano que não costumamos vivenciar.

As nuvens de palavras antes de cada descrição evidenciam que “a palavra é um corpo em movimento que provoca a experiência com e no mundo, com e no outro: experiência com e no contato” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 332). Em seu livro *Corporema*, o geógrafo cita o filósofo português José Gil: “Uma palavra vem sempre rodeada de emoções não definidas, de tecidos esfiapados de afectos, de esboços de movimentos corporais, de vibrações mudas de espaço. Forma-se uma atmosfera não verbal que rodeia toda a linguagem” (GIL, 2001 *apud* QUEIROZ FILHO, 2018, p. 341).

Ao propormos experienciar a vida na cidade no cenário pandêmico, pautado pelo medo e suas derivações, a janela externa apresentou-se como respiro e suspiro necessário ao retorno à janela interna, em sua infinitude de estímulos. Relatos foram escritos, reescritos e descartados, até o resultado apresentado, e o automatismo de verificar a todo momento o smartphone foi suspenso, como sugere Larrosa (2014).

Foi estranhando o entorno, até então familiar, como aponta Canevacci (2004), ao tratar de sua perspectiva oblíqua polifônica, que pudemos não somente encontrar, mas também produzir novas sensações para esse mesmo entorno, apurando as percepções de acontecimentos, colaborando no enfrentamento diário do confinamento residencial dos autores, apurando as percepções de acontecimentos.

Imagens do que foi visto na janela interna permanecem na memória, e junto com elas são suscitados estímulos instantâneos, passíveis de tirar o fôlego, causar pânico, ansiedade, acessos de raiva e uma profunda tristeza frente à impotência. Já a janela externa traz a memória de uma brisa fria com o calor do sol na pele, um horizonte inalcançável onde se encontram pensamentos de esperança no porvir. A metodologia, em sua assimetria das janelas, pode apresentar a potência de uma experiência no corpo, o qual necessita de intervalos, frestas, para que algo lhe aconteça de modo a estimular sentidos outros. Reafirma-se aqui o que foi dito por Gomes: “Há necessidade, portanto, de o habitante re-situar-se nessa cidade disseminada, de que cada vez temos menos ideia onde começa, onde termina, em que lugar estamos” (GOMES, 2001, p. 73).

Por fim, é nessa imobilidade que vemos abertura para o aguçamento do olhar diante da cena urbana enquadrada entre janelas.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- FERREIRA, Marcelus. Corpo/Cidade: uma corpografia do medo. In: **Revista Contemporânea**, ed. 18, vol. 9, no 2. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2190/1659>>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GOMES, Renato. De rua e de janela. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa. v. 1, 2001, p. 71-79.
- JACQUES, Paola. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, v. 8, 2008.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica. 2014.
- MARANDOLA JR., E. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, J. M. P. **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Nepo/UNICAMP, p. 95-115, 2011. Disponível em: <<http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/cap5.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2020.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. **Comunicação & Educação**, n. 11, p. 53-67, 1998.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PAHO (Pan-American Health Organization) and World Health Organization. Disponível em: <<https://www.paho.org/bra>>. Acesso em: 1º maio 2020.
- QUEIROZ FILHO. A cidade e a fabricação do sensível na sobremodernidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 15, n. 3, p. 7-17, 2016.
- _____. **Corporema: por uma geografia bailarina**. Ed. Milfontes, 2018.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Trad. port. Hossein Shooja e Isabel Santos. Relógio D'água, 1992.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Trad.: Paulo Roberto Pires. Editora 34, 1993.
- ZIZEK, Slavoj. **Pandemic!: Covid-19 shakes the world**. Nova Iorque – Londres. OR Books, 2020.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (issn 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 14/06/2020

Aprovado em 30/12/2020